

A MASSIFICAÇÃO DO HOMEM

Até mesmo a sua antropofobia, com os mesmos sintomas e alarmes, vem atacando certas pessoas há mais de um século. Uma das causas da inquietação atual é, segundo Carrel, a existência de grandes massas humanas. A massificação do homem apavora-o. E, como, de seu hábito, ele pensa que está resolvido o problema adicionando certos adjetivos detratores aos substantivos "massa", "multidão". ("A la v'e du petit groupe a été substituée celle de la foule. La solitude est considérée comme une punition, comme un luxe rare" (14). "... les êtres humains ont accepté avec bonheur la possibilité de ne jamais être seuls, de jouir des distractions continuelles de la ville, de faire partie de grandes foules, de ne jamais penser" (20). "La société moderne n'a pas l'individu" (326), etc...).

Excetuando o grande livro de Ortega y Gasset — *La rebelión de la masa*, escrito em 1928, e os já citados anteriormente, podemos, a simples título de curiosidade, mostrar o mesmo pavor das multidões e da democracia em autores que escreveram há mais de um século. Como, por exemplo, essa carta de Cavour, datada de 1835: "Não podemos nos enganar mais, a sociedade avança a grandes passos para a democracia... A nobreza se desmorona rapidamente... na organização atual não há lugar para o patriciado. Que fica então para a luta defensiva contra as massas populares que desdobram? Nada firme, nada eficaz, nada duradouro. Isto é bom? É mau? Não o sei. Mas, a meu ver, é o futuro inevitável dos homens. Preparemo-nos para ele ou preparemos, pelo menos, os nossos descendentes".

O estilo nervoso, inquieto, denuncia bem a angústia de que Cavour estava possuído ao escrever aquela carta. Em 1829, dizia Stendhal: "tenho a crença de que a liberdade aniquilará, no espaço de um século, o sentimento artístico". E, para os artistas vencerem no mundo moderno, aconselhava: "fazei-vos senhores de assucar ou fabricantes de porcelana, e assim chegareis antes a milionários e deputados". Afinal de contas, onde a novidade de Carrel?

Se não bastassem esses exemplos, mais de ordem afetiva do que doutrinária, lembrariamos também os estudos contemporâneos da sociologia sobre a *massificação da vida*, segundo a denominação de Max Scheler. Pondo de lado a contribuição inestimável de Karl Mannheim e Karl Jaspers, basta-nos citar o segundo capítulo, da terceira parte do grande *system* (15), de Leopold von Wiese, dedicado especialmente ao estudo da massa, por ele considerada como uma das modalidades das formas sociais.

Ele define estas últimas como "complexos específicos de relações sociais", isto é, são cristalizações ou estabilizações das relações sociais. As diferentes espécies das formas sociais definem-se pela distância em que o indivíduo se encontra do grupo social como um todo. A primeira dessas formas é a massa; a segunda, o grupo; e a terceira, os corpos sociais.

Ele define estas últimas como "complexos específicos de relações sociais", isto é, são cristalizações ou estabilizações das relações sociais. As diferentes espécies das formas sociais definem-se pela distância em que o indivíduo se encontra do grupo social como um todo. A primeira dessas formas é a massa; a segunda, o grupo; e a terceira, os corpos sociais. Na primeira — a única que nos interessa aqui, —, o indivíduo sente-se próximo da sua forma total, como conjunto. Se, por um lado, ela o determina e condiciona em seus pensamentos e atos; por outro, sofre imediatamente, sem ne-

ação por ele exercida, através das outras relações individuais.

Distinguem-se as massas em "concretas" e "abstratas". Entre estas, encontram-se ainda "as massas populares", a "alta sociedade" e o "público". Essa formação social que outrora se apresentava acidentalmente, em circos, teatros, reuniões, mercados, paradas cívicas, etc., tomou nos dias de hoje um caráter muito mais estável e permanente, sua ação se faz sentir de maneira contínua, sempre presente, nas relações, processos e distâncias sociais dos indivíduos, segundo a terminologia de Von Wiese. Daí merecer a massa um lugar especial entre a classificação das formas sociais. Se essas são interações cristalizadas, só devem ser estudadas como tais as categorias que apresentam características mais ou menos estáveis.

Ainda na opinião de Von Wiese, o estudo dos novos fenômenos suscitados pelo aparecimento da massa no mundo contemporâneo, depois da Revolução Francesa, contribuiu grandemente para a constituição e o desenvolvimento da sociologia, como ciência autônoma. Isto que aqui ficou escrito, nada mais é do que um resumo superficial do referido capítulo da obra de Von Wiese, já citado em nota, e que vai da página 407 à 446.

Entre os autores citados por Von Wiese que se demoraram na conceituação da massa, como fato social independente, destaca-se Werner Sombart com o estudo que lhe dedicou em *Der proletarische Sozialismus* (Jean, 1924). Encontram-se aí vários conceitos de massa, estatístico, cultural, sociológico e psicológico, num luxo de detalhes muito a gosto de Sombart. Não repetiremos as suas definições, e muito menos o restante do estudo de Von Wiese, por desnecessário à nossa tese.

Segundo as palavras de Carrel, parece que a massa é uma simples criação do espírito materialista do homem moderno. Mera invenção de alguns políticos mal intencionados. O nosso autor não lhe empresta nenhum fundamento social ou econômico. Esquece-se completamente da técnica, que é o fator preponderante, quase que único, capaz de explicar toda a morfologia social moderna: "Il est impossible de comprendre la nature caractéristique de l'homme économique moderne, sans tenir

compte de l'orientation particulière de la technique, surtout de la technique de la production et des transports, au cours des cinq derniers siècles" (16).

E é impossível compreender a massa sem o estudo concomitante da técnica de nossos dias. Aquela é condicionada por esta, mais do que isso, é um resultado desta. Houve um aumento muito grande da população durante o XIX.º século. Trata-se, segundo Sombart (17), de uma consequência dos progressos da técnica, uma vez que se trata menos de um aumento de natalidade do que de uma diminuição de mortalidade. E esta resulta, essencialmente, de duas ordens de progressos técnicos. De um lado, do aperfeiçoamento da higiene, dos meios de luta contra as epidemias e da técnica em geral; e do outro, do melhoramento da técnica de produção e de transportes, que asseguram a subsistência de toda a população, vítima, outrora, de fome crônica e, muitas vezes, endêmica.

Todo este acréscimo de população era dirigido, em grande parte, para a manutenção da indústria capitalista. Já agora as grandes empresas precisavam de um grande número de operários. Desapareceram os ateliers, as corporações, o artesanato. Era a industrialização do capitalismo moderno, anônima e coletiva, por assim dizer. E só esse aumento de população, com a consequente formação da massa nos centros urbanos, tornou possível o desenvolvimento do capitalismo em todo o mundo, oferecendo-lhe a mão-de-obra necessária. Onde não existe técnica moderna de produção, não se constitui ainda a massa, como forma social independente e definitiva.

Vê-se, por este rápido esboço, que o problema é bem mais complexo e profundo do que pareceu a Carrel. A massa não é criação arbitrária da democracia. Antes, pelo contrário, ambas são condicionadas pela técnica moderna.

(15) — *System der Allgemeinen Soziologie* — Munich — 1933, pags. 407/446.

(16) — W. Sombart — *Le Bourgeois* — trad. franc. — Paris — 1926, pag. 387.

(17) — Op. cit. — pag. 401.

EVARISTO DE MORAES FILHO

1940
Revista Acadêmica
Nov. de 1940